

A HISTÓRIA COMPARADA E SUAS VERTENTES: UMA REVISÃO HISTORIOGRÁFICA

CARLOS EDUARDO DA COSTA CAMPOS¹

RESUMO

O historiador e arqueólogo francês Paul Veyne nos aponta a História Comparada como um importante aparato metodológico para as pesquisas históricas. O método comparativo seria um instrumento que nos possibilita enriquecer as nossas pesquisas, por ampliar o nosso conhecimento. Verificamos através dos estudos do pesquisador inglês Peter Burke que o método comparado teria entrado em voga na teoria social, durante o século XIX. Em História, notamos que há uma diversidade de vertentes referentes ao método comparativo, como o weberiano, o marxista, o toquevilliano e o antropológico. Nossa proposta neste artigo será a de analisar as correntes que integram a História Comparada e enfatizar a proposta de Marcel Detienne.

PALAVRAS CHAVES: História Comparada, Marcel Detienne, comparação construtiva

ABSTRACT

The French historian and archaeologist Paul Veyne points to the Comparative History as an important methodological apparatus for historical research. The comparative method is an instrument that enables one to enrich our research, by expanding one's knowledge. Through the studies of the English researcher Peter Burke, it is noticed that the comparative method would come into vogue in social theory during the 19th century. In History, there are a variety of strands relating to the comparative method, as the Weberian, Marxist, Tocqueville and the Anthropological. This study examines the currents that comprise the comparative history and emphasize the proposal of Marcel Detienne.

KEYWORDS: Comparative History, Marcel Detienne, constructive comparison

A História Comparada é uma metodologia histórica que se encontra em desenvolvimento, no Brasil. Muitos historiadores questionam a validade de tal aparato metodológico. Entretanto seria perceptível a nós, através dos escritos de Veyne, que a utilização do método comparativo pode ser considerada como essencial para a

¹ Mestrando pelo PPGH/UERJ. E-mail: eduygniz@hotmail.com

renovação nas pesquisas históricas (VEYNE, 2008: 21). O nosso objetivo neste artigo é assinalar as principais vertentes que integram a História Comparada, por meio do debate historiográfico, e assim problematizarmos sobre a sua aplicabilidade nos estudos históricos.

Verificamos através dos estudos do pesquisador inglês Peter Burke que o método comparado teria entrado em voga na teoria social, durante o século XIX (BURKE, 2002: 39). Podemos pontuar que as historiadoras Neyde Theml e Regina Bustamante convergem, em seus estudos, com as idéias de Burke, ao assinalar que o viés comparativo se desenvolveu no campo sociológico, através dos trabalhos de Max Weber (THEML; BUSTAMANTE, 2004: 11). O historiador José d'Assunção afirma que os trabalhos de Max Weber foram de grande relevância para o campo historiográfico. Tais produções foram importantes para a linha comparativa que se desenvolvia no século XIX (ASSUNÇÃO, 2007: 160). Os estudos realizados por Weber na obra *Ética protestante e o espírito do capitalismo* se centrariam na relação da religião com o desenvolvimento do capitalismo. O autor, por meio de análises comparadas sobre os pontos de divergência entre cada cultura, traçou as similitudes e especificidades da formação e desenvolvimento das práticas capitalistas (ASSUNÇÃO, 2007: 161).

A vertente weberiana comparativa almejaria analisar sociedades de períodos distintos, para encontrar os pontos comuns e os elementos que são singulares. As historiadoras Theml e Bustamante pontuam que a abordagem de Weber envolveria em suas pesquisas “sociedades heterogêneas e/ou muito afastadas temporalmente” (THEML; BUSTAMANTE, 2004: 11). Nós compreendemos tal corrente citada atuando através do conhecimento daquilo que é singular/específico em determinado grupo, mediante o conhecimento do que estaria ausente/presente nas outras sociedades.

Outra corrente de comparação pode ser notada no meio acadêmico, pelos estudos de Sigmund Freud. Em *Totem e tabu*, obra do começo do século XX, verificamos que o autor estabelece uma análise comparativa entre as práticas e formas de organização dos indivíduos considerados “primitivos” em diversas sociedades, mas tendo como base os nativos da Austrália. O interessante nas análises de Freud é que ele também se vale da comparação ao observar segmentos sociais europeus tidos como “civilizados” (FREUD, 1999: 22-32). Sua linha comparativa aponta para uma reflexão sobre as especificidades existentes entre sociedades distintas, mas que seriam aproximadas temporalmente.

O sociólogo alemão Norbert Elias, na obra *O processo civilizador*, valeu-se do método comparativo entre sociedades tidas como “complexas” e “menos complexas”. O autor centra sua comparação nas diferenças temporais e espaciais. De acordo com José d'Assunção,

podemos detectar semelhanças entre os trabalhos de Elias e Weber. Ambos os sociólogos se valeram de uma abordagem centrada na historicidade das sociedades pesquisadas (ASSUNÇÃO, 2007: 160).

Na área de História, verificamos que nas primeiras décadas do século XX, pensadores como o historiador alemão Otto Hintze e os franceses Louis Davillé e Lucien Febvre analisavam a possibilidade da aplicação da comparação na História. Segundo Charles S. Maier, desde 1901 nota-se nas publicações de Otto Hintze a utilização da comparação. De acordo com Maier, os escritos de Max Weber teriam sido um dos elementos base para o desenvolvimento das idéias do intelectual alemão, o qual enfocou suas análises no processo de formação do Estado Moderno e teceu reflexões sobre os sistemas políticos representativos (MAIER, 1992-93: 16-17).

Nas produções historiográficas francesas, temos os trabalhos de Louis Davillé e Lucien Febvre. Esses pesquisadores possivelmente visavam a romper com as marcas da historiografia tradicional centrada nos estudos políticos, através do comparatismo. Segundo as historiadoras Neyde Theml e Regina Bustamante, no período entreguerras, o método comparativo foi utilizado como uma possível resposta ao nacionalismo exacerbado (THEML; BUSTAMANTE, 2004: 10). Através do apontamento das historiadoras, podemos supor que ao se utilizar a comparação para demonstrar os pontos de similitudes entre as sociedades, o discurso de superioridade de uma nação seria atingido, afinal ela não seria vista como tão distinta das outras sociedades, como era fomentado pelas propagandas de cunho nacionalista.

Analisando os escritos de Theml e Bustamante, encontramos considerações sobre o método comparativo do historiador francês Marc Bloch, que difere da abordagem weberiana de comparação. Para as duas pesquisadoras, na vertente comparada de Bloch haveria uma concentração de análises nas similitudes das sociedades estudadas e as culturas refletidas, que tenderiam a ser próximas geograficamente e contemporâneas (THEML; BUSTAMANTE, 2004: 11).

Nos escritos de Charles S. Maier, verificamos as tendências que integram a História Comparada. São elas: o programa weberiano, o marxista, o toquevilliano e o antropológico (MAIER, 1992-93: 20).

I – A PRIMEIRA VERTENTE, O PROGRAMA WEBERIANO

Maier frisa que este eixo analisa questões relacionadas com a modernidade, a racionalidade, a legitimação e o desenvolvimento da burocracia, assim baseado nos pressupostos teóricos de Max Weber. É uma linha de interesse por parte dos sociólogos que interagem com a

História (MAIER, 1992-93: 20). Dentro dessa corrente salientamos a atuação do historiador alemão Jürgen Kocka. Tal pesquisador se utilizou de reflexões sobre o método comparativo, nos seus estudos relacionados à teoria do *Sonderweg*¹. Kocka argumenta sobre os problemas da comparação assimétrica que poderia levar à superficialidade e às idealizações, assim distorcendo os resultados. Contudo o autor ressalta que ainda assim tal metodologia possuiria valor científico e possibilitaria a problematização nas pesquisas, possivelmente através de uma reformulação na sua aplicação (KOCKA, 1999: 49-50). A operacionalização do método comparativo de Kocka poderia ser refletida através da discussão de dois ou mais fenômenos históricos de forma sistemática a respeito dos pontos de similitude e diferença, assim almejando encontrar determinados objetivos intelectuais (KOCKA, 2003: 39).

II – O PROGRAMA MARXISTA

Tal vertente de comparação proporcionou uma renovação dos estudos sobre o papel do Estado e das revoluções. Dentro desta linha notamos a participação de historiadores como Eric Hobsbawm. Conforme Charles Maier, as pesquisas de matriz marxista foram importantes para fomentar as investigações comparadas enfocadas na análise das classes sociais e nas transformações que ocorrem nas formas de organização social (MAIER, 1992-93: 23-26).

No que tange ao *Materialismo Histórico*, o historiador e economista polonês Witold Kula, nos mostra que todos os trabalhos científicos necessitam da aplicação do método comparativo, para ampliação do conhecimento². Segundo o autor, tal comparação poderia ocorrer de forma direta ou indireta, nas pesquisas, por exemplo, o ato de nomear um novo fenômeno descoberto precisaria da comparação para se verificar se se trata de uma inovação ou se é um fato já conhecido pela comunidade científica (KULA, 1973: 571). Kula teria fomentado a abordagem comparativa em seus estudos ao construir comparáveis entre o leste europeu e outras regiões do mundo. Em 1970, o historiador polonês publicou *Measures and men*, no qual analisa comparativamente os pesos e medidas utilizados, tanto nas sociedades antigas, como nas modernas (BOYD, 1999: 670).

¹ Tal teoria circularia pela historiografia de cunho alemão, a qual considera que a Alemanha teria seguido ao longo de sua História uma trajetória considerada diferente dos demais países, e por isso ela seria singular (KOCKA, 1999, passim).

² Eric Hobsbawm qualifica a vertente historiográfica de Witold Kula como marxista. HOBBSAWM, Eric. *Sobre história*: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2005: 134.

III – O VIÉS TOCQUEVILLIANO

Nos Estados Unidos formulou-se uma historiografia comparada de viés tocquevilliano, de acordo com Maier. Tal influência ocorreu de maneira direta ou indireta, na ótica do autor, porque a base dos estudos sobre a historicidade da sociedade norte-americana está relacionada com os escritos de Tocqueville (MAIER, 1992-93: 26).

Maier sinaliza para uma reformulação nos estudos referentes ao papel do negro na historiografia norte-americana desde a segunda metade do século XX. O autor argumenta que tal fato se deve ao olhar mais crítico que passou a ser adotado pelos pesquisadores (MAIER, 1992-93: 26). Dentro desse contexto, encontramos a produção de trabalhos sobre a categoria de escravo sendo repensada pelo método comparativo. Como exemplo, temos a obra de Frank Tannenbaum, intitulada *Slave and Citizen: The Negro in the Americas*, publicada em 1949. O referido pesquisador foi um dos primeiros a se valer da comparação para verificar as semelhanças e diferenças entre o modelo protestante e o católico da sociedade escravista, no continente americano.

IV – O ANTROPOLÓGICO

O historiador italiano Carlo Ginzburg ressalta em “O inquisidor como antropólogo: uma analogia e as suas implicações” que o diálogo da História com a Antropologia foi um dos responsáveis pelas modificações nos eixos de análises historiográficas, na segunda metade do século XX (GINZBURG, 1991: 205-206). Através dos estudos de Theml e Bustamante (2004: 12), vê-se que ocorreram transformações no campo historiográfico, os quais podem estar relacionados com o novo contexto cultural que emergiu após a Segunda Guerra Mundial e com o processo de descolonização afro-asiático. Como exemplo dessa renovação histórica, indicamos as obras de Edward Said (*Orientalismo e Cultura e imperialismo*), ou de Homi Bhabha (*O local da cultura*).

Novos olhares foram lançados sobre os objetos de pesquisa e aplicações metodológicas. Setores da sociedade que até determinado momento estavam deixados à margem das análises foram englobados nos estudos históricos. Tais reflexões historiográficas passaram a dar conta das especificidades existentes nas culturas humanas. Ao cotejar as visões sobre os estudos culturais com as do antropólogo Marshall Sahlins, em *Ilhas de história*, notamos um pensamento complementar ao de Ginzburg. O autor mostra que, pesquisando culturas diferentes, devemos respeitar as suas singularidades, que possivelmente seriam frutos de historicidades diversas (SAHLINS, 1994: 10).

Na visão das pesquisadoras brasileiras Theml e Bustamante, o método de comparação se construiu buscando afastar-se de uma visão de superioridade européia. Conforme as autoras, os novos historiadores comparatistas almejavam romper com o olhar hierarquizado entre culturas (2004: 13). Nessa perspectiva vemos o desenvolvimento das pesquisas do helenista Marcel Detienne. O historiador francês foi o organizador, junto a Jean-Pierre Vernant, do Centro de Pesquisas Comparadas sobre as Sociedades Antigas. Detienne endossa a proposta de uma interação entre História e Antropologia, argumentando que a atividade comparativa seria uma atividade própria do saber antropológico. O diálogo entre tais saberes nos enriqueceria enquanto pesquisadores (DETIENNE, 2004: 10).

A abordagem de Detienne se concentra em analisar o que seria heterogêneo, nas suas produções. O historiador propõe que a pesquisa histórica elabore comparações pautadas em recortes espaciais e temporais considerados diferentes (DETIENNE, 2004:46). Theml e Bustamante complementam os apontamentos de Marcel Detienne, ao frisar que tal metodologia pode ser aplicada em reflexões relacionadas a sociedades antigas e da atualidade, nas consideradas simples e nas complexas, e podemos afirmar que tal enfoque se centra nas especificidades culturais (THEML; BUSTAMANTE, 2004:14). Tal modelo diverge da proposta de Bloch, a qual seria pautada em “comparar o comparável”, ou seja, tal método se voltaria para as sociedades que possuem uma relação de proximidade temporal e espacial.

Através dos argumentos apresentados por Detienne em *Comparar o incomparável*, percebemos que, para se construir comparáveis, seria necessária a elaboração de um estudo interdisciplinar e do trabalho em equipe (DETIENNE, 2004: 45-46). Neyde Theml e Regina Bustamante, em *História comparada: olhares plurais*, chamam a atenção para o modelo de proposta coletiva elaborada por Detienne. Segundo as autoras, Detienne concentrou os estudos de sua equipe no conjunto de diversos elementos que compõem a sociedade. Logo se formulou um conjunto de problemas, que iriam perpassar as pesquisas de toda a equipe, para a elaboração do trabalho comparativo (THEML; BUSTAMANTE, 2004: 14).

O olhar comparado necessita, para a sua construção, das várias observações e análises sobre os fenômenos sociais, que devem ser consideradas pelos pesquisadores envolvidos na atividade de pesquisa histórica. Tanto Detienne quanto as historiadoras brasileiras partilham da visão de que o exercício comparativo precisa do trabalho em conjunto, em igualdade de condições, para que a pesquisa interesse aos outros membros. As reuniões para a formulação dos debates são

indicadas como elemento importante para a produção do saber (THEML; BUSTAMANTE, 2004:15).

A comparação se desenvolveria em três etapas complementares, de acordo com Thémel e Bustamante. São elas: a construção de objetos de pesquisas pelos projetos individuais de cada membro da equipe, que possibilitaria as várias visões sobre os fenômenos sociais; a construção de um conjunto de problemas que seriam questões comuns que perpassariam as pesquisas individuais da equipe. Através desse conjunto haveria um direcionamento dos pesquisadores para observar e analisar o seu objeto. O modelo Vernant e Detienne se torna singular ao possibilitar o desenvolvimento das análises no campo individual, mas também plural, pelo trabalho elaborado pela equipe: a criação de um campo de exercício e experimentação comparado. Este seria um conceito metodológico baseado na “comparação construtiva”. Para o desenvolvimento de tal aparato seria necessário o debate constante sobre os resultados das pesquisas individuais, para se verificar as diferenças sociais e históricas do conjunto de problemas, o qual todos se propuseram observar (THEML; BUSTAMANTE, 2004: 15-16).

Notamos através do que foi apresentado pela visão de Thémel e Bustamante, que o desenvolvimento do método comparativo em equipe é o que possibilita ampliar a visão sobre um objeto estudado. Logo, o intercâmbio de informações entre diversos saberes e pesquisadores propicia a elaboração de um trabalho enriquecido. Além disso, notamos que o pressuposto básico do PPGHC–UFRJ seria justamente o trabalho em equipe, que aconteceria por meio da comparação dos resultados de pesquisa, do diálogo entre as diversas áreas das Ciências Humanas.

Todavia, faz-se necessário estabelecer parâmetros para os estudos comparados, que estamos desenvolvendo na atualidade. A assertiva almeja prevenir a utilização do método como um possível subterfúgio para pesquisas sem comprometimento com o rigor acadêmico, as quais podem estar voltadas para exaltar elementos de interesse político ou social, em benefício de alguns setores da sociedade. Antes de analisarmos a documentação é necessário refletir sobre o que devemos levar em consideração para a construção dos comparáveis e de que maneira essas descobertas devem ser comparadas (RÜSEN, 2006: 116). Jörn Rüsen argumenta que o método comparativo ao não ser refletido poderia gerar anacronismos, visões etnocêntricas e análises superficiais, em alguns trabalhos (RÜSEN, 2006: 117-121). Para se evitar o olhar hierarquizador das sociedades, Detienne alerta que devemos conhecer a pluralidade cultural respeitando as suas especificidades e a sua forma de compreensão de mundo (DETIENNE, 2004: 67). Contudo, tal respeito e compreensão

não devem significar a possibilidade de se produzir uma pesquisa sem dados que possam evidenciar de forma acadêmica a materialidade histórica do tema de estudo.

Maier faz uma crítica a Marc Bloch ao argumentar que este se valia da comparação como uma “varinha mágica”. Ao recorrer ao método comparativo enquanto dispositivo de soluções de problemas, Bloch não somente ampliaria a sua perspectiva de estudos, mas também possibilitaria o aumento das margens de perigo. Um dos problemas de tal metodologia histórica seria a incapacidade do historiador em conseguir dominar amplamente diversos contextos históricos em sua pesquisa; haveria a possibilidade de se cometerem equívocos, ao inserir categorias ou estruturas de níveis diferentes, devido a algumas semelhanças superficiais; um possível excesso de generalizações que levaria à redundância de argumentação no trabalho; a falta de uma abordagem conceitual, assim os trabalhos desenvolvidos por grande parte da historiografia se centrariam no factual (MAIER, 1992-93: 28).

Apesar dos problemas que notamos no método comparativo, é possível perceber que o estudo de qualquer civilização enriquece o conhecimento que possuímos de outra. Assim a História Comparada surge como um importante instrumento para o desenvolvimento científico. Segundo Paul Veyne, os estudos comparados são fundamentais para a renovação das pesquisas históricas (2008: 21). Veyne afirma que a História Comparada apresenta um valor didático e enriquecedor ao estabelecer aproximações e oposições entre diferentes sociedades. O autor argumenta que a História Comparada é mais original por sua elaboração (VEYNE, 2008: 101).

Em suma, percebemos que a História Comparada faz parte da História e, assim como ela, possui como atribuição a compreensão dos acontecimentos concretos explicados por causas materiais, fins e acasos. Ela seria um ramo da história voltado para analisar as similitudes e divergências entre as sociedades humanas (VEYNE, 2008: 102-103). Atualmente no Brasil, são diversas as pesquisas relacionadas com o método comparativo, contudo há um enfoque maior na vertente de Marc Bloch, ou na proposta de Marcel Detienne. Concluímos que a História Comparada se encontra em desenvolvimento no Brasil, e, apesar da resistência de alguns setores conservadores, tal metodologia está se ampliando através das novas pesquisas históricas.

REFERÊNCIAS

- BOYD, Kelly. *Encyclopedia of Historians and Historical Writing*. London: Fitzroy Dearborn, 1999.
- BURKE, P. *História e teoria social*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2002.
- DETIENNE, Marcel. *A invenção da mitologia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- _____. *Comparar o incomparável*. São Paulo: Idéias & Letras, 2004.
- _____. *Os gregos e nós: uma antropologia comparada da Grécia Antiga*. Rio de Janeiro: Loyola, 2008.
- FEBVRE, Lucien. *O Reno: história, mitos e realidades*. Tradução: Eliane Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- FREUD, Sigmund. *Totem e tabu*. Rio de Janeiro: Imago, 1999.
- GINZBURG, Carlo. O inquisidor como antropólogo: uma analogia e suas implicações. In: GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Bertrand; Rio de Janeiro: DIFEL, 1991. p. 203-214.
- KOCKA, J. Asymmetrical Historical Comparison: The Case of the German Sonderweg. *History and Theory*, v. 38, n. 1, p. 40-50, Feb. 1999.
- _____. Comparison and beyond. *History and Theory*, n. 42, p. 39-44, Feb. 2003.
- KULA, Witold. *Problemas y métodos de la historia económica*. Barcelona: Península, 1973.
- MAIER, Charles S. *La historia comparada*. *Studia Historica – Historia Contemporánea*, v. 10-11, p. 11-32, 1992-93.
- RÜSEN, J. Historiografia comparativa intercultural. In: MALERBA, J. (Org.). *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 115-137.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- THEML, N.; BUSTAMANTE, R. M. da C. *História comparada: olhares plurais*. *Phoenix*, UFRJ, n. 10, p. 9-30, 2004.
- VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a História: Foucault revoluciona a História*. Tradução: Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4. ed. Brasília: Ed. da UnB, 2008.

